



Nossa Língua Falada – Série de Reportagens Especiais para Rádio sobre a Fala do Brasileiro¹

Autora: Isabela de Castro Rocha Vicente de Azevedo²

Aluna graduada em Jornalismo em agosto de 2008 pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB)

Resumo

O trabalho "Nossa Língua Falada - Série de Reportagens Especiais para Rádio sobre a Fala do Brasileiro" é um projeto apresentado à Universidade de Brasília para a obtenção do diploma de Jornalismo. Os oito programas abordam os temas: Raízes da Língua Falada; Sotaques e Expressões Regionais; Língua Falada no Ensino do Português Escrito; Preconceito Linguístico; Língua Falada na Música; Língua Viva; Língua Falada no Telemarketing e a Paixão dos Brasileiros pela Língua Falada. O objetivo do trabalho é valorizar a beleza e a pluralidade da fala dos brasileiros. Baseadas no depoimento de especialistas e falantes comuns, as matérias são enriquecidas por músicas e sons ambiente. Tendo em vista que o regulamento permite apenas o envio de seis capítulos, dois dos oito programas foram suprimidos (língua falada no telemarketing e na música).

Palavras-chave

Radiojornalismo; Reportagem Especial; Língua Portuguesa; Língua Falada; Brasil.

Corpo do trabalho

1. Introdução

O tema deste trabalho nasceu durante um intercâmbio que fiz na França, de agosto de 2006 a julho de 2007. Antes de partir, acreditava que meu projeto de conclusão de curso abordaria algum aspecto internacional do Jornalismo, ou talvez uma comparação entre o exercício da profissão no Brasil e na França. Minha família é mineira e minha relação com o Brasil se restringia a Brasília e Belo Horizonte. Fiz algumas viagens de férias para outros lugares do país quando adolescente, mas não tive tempo de absorver a cultura local. Curiosamente, só comecei a entender a diversidade da língua brasileira do outro lado do oceano Atlântico.

Durante minha estada na Europa, conheci estudantes e turistas brasileiros de várias regiões do Brasil – algo que nunca imaginei quando estava no meu país. No momento

¹ Trabalho apresentado ao prêmio Expocom, Categoria Jornalismo, Modalidade Programa Laboratorial de Radiojornalismo (conjunto/série), do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste.

² A autora Isabela de Castro Rocha Vicente de Azevedo formou-se em Jornalismo, em agosto de 2008, na Universidade de Brasília (UnB). Enquanto estudante, dedicou-se, principalmente ao radiojornalismo, tendo feito estágios na Rádio Band News FM Brasília e Rádio França Internacional, em Paris. Durante o curso, fez um ano de intercâmbio no departamento de jornalismo na Universidade de Rennes I, França. E-mail: isabelacrvaezevedo@gmail.com.



em que cidadãos da mesma nacionalidade se encontram no exterior, o sentimento de patriotismo cresce e o agrupamento é natural. Era comum observar grupos de brasileiros, que há pouco tempo se conheciam, desvendando juntos as cidades européias. Foi nessa viagem que fiz um importante intercâmbio. Mas não na França. Apesar de estar na Europa, brasileiros de origens diversas proporcionaram-me um intercâmbio pelas cinco regiões do Brasil.

Quando se está fora do país, é comum refletir sobre os idiomas. Mas, além de aprender mais sobre o francês, o conhecimento sobre minha língua materna foi enriquecendo a cada encontro com brasileiros de estados que eu jamais pensei em visitar. Foi quando decidi: meu trabalho de conclusão de curso não seria mais referente à França, e sim sobre o Brasil. Definiu-se, então, o objeto deste produto: a língua falada.

O art. 13 da Constituição Federal traz a seguinte determinação: “A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil.” Entretanto, ainda que a grafia seja a mesma, ou pelo menos muito semelhante, a língua falada pelos brasileiros é autêntica. Nesses mais de quinhentos anos de história, o idioma dos colonizadores sofreu interferências de línguas européias, africanas e indígenas, além da evolução natural da fala ocorrida ao longo do tempo. Esse fato somado à extensão do território do país provocou o surgimento da grande variação lingüística do Brasil e do distanciamento entre a língua falada pelos brasileiros em relação àquela dos patriarcas portugueses.

A série *Nossa Língua Falada* é um produto radiofônico e consiste em uma série de oito reportagens especiais com duração de seis minutos e meio cada. Nelas, a linguagem permeia a objetividade do radiojornalismo e a criatividade dos programas que mesclam entretenimento e informação. As matérias intercalam depoimentos de especialistas e falantes, músicas de letras pertinentes a cada reportagem especial, efeitos sonoros diversos, curtas dramatizações, além de textos leves e bem humorados redigidos e narrados pela repórter.

A série foi produzida para o público de todas as idades, regiões e classes sociais. As reportagens foram pensadas para uma rádio comercial de notícias, mas que use linguagem mais leve e abra espaço para experimentações em radiojornalismo. O produto final, no entanto, ficou versátil, havendo também a possibilidade de divulgação em rádios públicas também.

A primeira reportagem especial, *Raízes da Nossa Língua Falada*, apresenta o tema da série ao ouvinte e resume a história da língua portuguesa no Brasil. Os



especialistas relatam como o português tornou-se o idioma oficial brasileiro, em meio às mais de mil línguas indígenas existentes à época da colonização. Os lingüistas ainda revelam que a língua portuguesa não é o único idioma falado no Brasil. Para ilustrar essa informação, personagens que têm por língua materna idiomas indígenas e europeus contribuem com seus depoimentos.

Sotaques e expressões regionais são os temas abordados no segundo programa. Tendo em vista o tamanho e a diversidade sonora do país, o objetivo desta reportagem é mostrar sotaques de todas as regiões do Brasil, mesmo que não haja exemplos de todos os estados. Os depoimentos resgatam o que há de mais curioso e engraçado em cada sotaque: uma tentativa de convidar os ouvintes a uma viagem pelo país.

Na terceira reportagem da série, o público entende como a língua falada pode servir de auxílio no aprendizado da escrita. A matéria traça o perfil de brasileiros que passaram a vida se comunicando apenas por meio da fala e só tiveram contato com a língua escrita depois de adultos. O especialista e a professora do curso de alfabetização de adultos contam como a língua falada é importante na sala de aula para que os alunos percam a vergonha de falar em público e resgatem a vontade de aprender.

O preconceito lingüístico é explicado na quarta reportagem especial. Duas formas de discriminação são tratadas: a primeira, em relação aos sotaques, e a segunda, ao modo de falar que diverge da gramática tradicional. Os especialistas da Universidade de Brasília tentam conscientizar os ouvintes sobre o assunto, tão desprezado pela mídia. As vítimas de preconceito demonstram como a discriminação é real, mesmo que oculta aos olhos da sociedade.

A quinta reportagem da série discute a língua falada na música. Estilos musicais como moda de viola, repente, música pop e samba / bossa nova são usados para mostrar de que maneira a fala pode se tornar arte quando acrescida de melodia e ritmo. Essa reportagem foi subtraída do conjunto apresentado à banca examinadora para que a série esteja de acordo com o regulamento do Prêmio Expocom.

A dinamicidade da língua falada é o tema da sexta reportagem, que deu especial atenção a gírias e neologismos. A matéria demonstra como a fala é espontânea, mais maleável, varia conforme a moda, e é, de fato, uma língua viva. Já a escrita, de maneira geral, é um código menos aberto a mudanças e possui a importante função de referência da língua padrão.

A sétima reportagem da série aborda um aspecto curioso da língua falada: a linguagem utilizada no telemarketing. Os operadores de *call center* têm a fala como



principal ferramenta de trabalho, mas as estruturas lingüísticas escolhidas assemelham-se mais à formalidade da escrita do que à naturalidade da língua falada. A matéria também discute o gerundismo, recurso muito utilizado pelos operadores de telemarketing. Essa reportagem também foi retirada do conjunto apresentado à banca examinadora do Prêmio Expocom para que o trabalho se adaptasse ao regulamento.

A última reportagem especial é uma homenagem à língua portuguesa. Ela começa por guiar os ouvintes no interior do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, passando por depoimentos de pessoas que têm na língua falada suporte essencial para sobrevivência (uma personagem é analfabeta, o outro é vendedor de pastéis na Feira do Guará e a última é uma estrangeira que mora no Brasil há quatro anos e chegou sem falar nada de português). Por fim, os brasileiros fazem uma homenagem à língua portuguesa, que é o mais fiel retrato do falante.

2. Problema da Pesquisa

A primeira parte da pesquisa se focou na história do português brasileiro. A seqüência de fatos explica por que o idioma tomou sua forma atual, tão diferente foneticamente da língua falada em Portugal. A história também revela a pluralidade de línguas faladas no Brasil. Quais são as raízes do português falado no Brasil? E quais são as origens dos outros idiomas falados no país? Diante das línguas faladas no país, por que o português tornou-se a mais falada? Como as outras línguas faladas no território, à época da colonização, influenciaram na construção do português brasileiro?

A próxima etapa da pesquisa abordou o aspecto mais nítido e perceptível da língua falada. O que é e como nasce um sotaque? Como pode existir uma unidade da língua falada pelos brasileiros em face à variedade de sotaques e de expressões regionais encontradas no Brasil?

A partir daí, a reflexão voltou-se para o erro e o preconceito. A gramática cria distância entre a língua falada e a escrita? Existe “erro” na Língua Portuguesa ou o que é considerado erro é simplesmente a diferença entre a língua falada e a escrita? Como o erro pode gerar o preconceito lingüístico? Como o ensino da língua portuguesa deve contemplar a língua falada? Qual é a diferença entre a escrita e a fala (considerando critérios de correção)?

Por fim, a pesquisa caminhou para exemplos de uso da língua falada no cotidiano. O que são gírias e neologismos? Como eles são criados? Qual é a duração das novas palavras no uso da língua? A música é um tipo de fala? Quais estilos musicais podem



destacar a maneira de falar do brasileiro? A língua falada no telemarketing é uma tentativa artificial de tornar mais formal a língua falada? O gerundismo é erro?

4. Justificativa

Todo idioma é formado por duas partes essenciais: a fala e a escrita. Há muitas publicações sobre as normas que orientam a língua escrita (gramáticas, manuais de redação, dicionários, entre outros livros que analisam a evolução da escrita). No entanto, existem bem menos trabalhos publicados a respeito da fala. Mesmo a mídia não abre tanto espaço para a discussão do tema.

A língua escrita desperta maior interesse nos meios de comunicação, a exemplo do programa *Nossa Língua Portuguesa*, apresentado pelo professor de português Pasquale Cipro Neto na TV Cultura. Na transmissão, o professor explica regras de gramática, valorizando o ensino do manual. Durante a pesquisa, não se encontrou, no entanto, um programa cujo principal foco fosse a língua realmente falada no Brasil e é esse o motivo que justifica a escolha do tema deste projeto de conclusão de curso.

A principal motivação do presente trabalho surge da necessidade de se discutir um tabu na língua portuguesa: o preconceito lingüístico. Ignorado pelos meios de comunicação, o preconceito em relação à fala atinge violentamente a auto-estima do falante, que muitas vezes pensa não ser merecedor da nacionalidade brasileira. A terceira e a quarta reportagem da série tratam das formas que revelam o preconceito, de maneira a conscientizar o ouvinte sobre a realidade da língua falada. A gramática não determina o idioma, são os falantes que dão vida à língua.

O rádio foi o meio de comunicação escolhido para a difusão do programa porque ele é naturalmente a mídia da língua falada, considerando que o som é o meio de transmissão de informações. Assim, a língua falada está presente tanto no conteúdo, que foi buscado nos ensinamentos da Lingüística e da Sociolingüística, quanto na técnica utilizada para a produção deste projeto final em jornalismo.

A finalidade deste trabalho é a valorização da beleza e pluralidade da fala dos brasileiros, que tanto é desprezada em relação ao imperialismo da gramática. A pesquisa focou-se na tentativa de destruir certos mitos criados em torno da língua portuguesa. Existe o pensamento de que apenas as pessoas da classe social baixa falam “errado”. Porém, nem entre os doutores e mestres, o respeito à gramática é fiel. A proposta para atingir essa meta é levar ao público a opinião de especialistas, dados históricos e falas



de personagens anônimos que simbolizem o falante brasileiro. Em resumo, este projeto é um elogio à língua falada no Brasil.

5. Referencial Teórico

O referencial teórico deste trabalho teve por base duas frentes: a forma (Jornalismo) e o conteúdo (Linguística).

5.1. Referencial Teórico quanto à forma – o Jornalismo

A análise da informação quanto aos valores-notícia é o primeiro passo para determinar se um tema pode ou não se tornar assunto dos jornais. Wolf (2003) define esses valores como o conjunto de componentes que estimam a relevância de um fato. Os valores-notícia foram agrupados em cinco categorias pelo pesquisador. A primeira delas reúne os critérios substantivos, que “articulam-se essencialmente em dois fatores: a importância e o interesse da notícia” (importância dos envolvidos, quantidade de pessoas envolvidas, interesse nacional, interesse humano, feitos excepcionais).

O tema da série de reportagens especiais se encaixa especialmente em três dos critérios descritos por Wolf. A língua falada é um assunto que envolve grande quantidade de pessoas (todos brasileiros), é de interesse nacional (pois a língua é um dos principais elementos da cultura brasileira) e é de interesse humano (porque a reportagem revela a identidade e a história dos falantes da língua portuguesa e de outras línguas faladas no Brasil).

A próxima categoria de critérios estabelecida por Wolf (2003), refere-se ao produto, ou melhor, “à disponibilidade material e aos caracteres específicos do produto jornalístico” (brevidade, atualidade, novidade, qualidade, equilíbrio). O projeto privilegia três desses critérios: a atualidade (pois a língua, por ser o próprio instrumento de comunicação, estará sempre em uso e evolução), a qualidade (porque a série de reportagens apresenta tanto uma qualidade técnica superior, com bastante ritmo e ação dramática, quanto um trabalho de pesquisa aprofundado no conteúdo) e o equilíbrio (pois houve a preocupação em entrevistar falantes de vários estados brasileiros, diversas classes sociais e idades).

Wolf (2003) destaca mais três categorias de valores-notícias, porém apenas uma delas é de fato relevante para este trabalho: os critérios relativos ao público (identificação com os personagens e serviço). Nesse quesito, é possível apontar um dos mais importantes valores-notícias deste projeto de conclusão de curso: a identificação



do público com os personagens escolhidos para retratar a língua ou as línguas faladas pelos brasileiros. A identificação dos ouvintes com os entrevistados ocorre devido à real importância dada ao equilíbrio, conforme já apontado anteriormente. Há exemplos de sotaques de todas as regiões do Brasil (mesmo que não tenha sido possível captar uma fala de cada estado), de falantes de todas as classes sociais, envolvendo as mais diversas opiniões sobre aspectos da língua falada.

Finalizado o resumo sobre os valores-notícia apresentados nesta série de reportagens especiais, o referencial teórico passa para a questão do gênero jornalístico escolhido: a reportagem. O tema deste projeto de conclusão de curso não é factual porque não consiste em um fato completamente novo. O assunto, no entanto, é de atualidade. Apesar de não ser um evento pontual no tempo, a língua falada está sempre presente na vida da sociedade. Há, entretanto, um gancho que remete o tema aos dias de hoje. Em 2008, comemorou-se o aniversário de dois séculos desde que a família real mudou-se para o Brasil. O fato representa um divisor de águas: foi quando a língua portuguesa começou a tornar-se o idioma mais falado no território brasileiro. A chegada da corte portuguesa ao país é, na verdade, uma “desculpa” para a discussão de um assunto que concerne a todos os brasileiros. Por essa razão, o gênero reportagem foi escolhido como suporte para este produto.

Em relação à notícia, a reportagem aborda o fato de forma mais extensa e detalhada. No caso deste projeto, a série de reportagens especiais também consiste em um relato mais humano sobre o assunto, com bastante participação de personagens (afinal, a forma de falar dos entrevistados deu origem ao objeto de estudo). O texto da reportagem é pensado com mais cuidado e existe espaço para análise e interconexões entre temas afins. Já a notícia geralmente apresenta-se em um texto mais objetivo e centralizado no lead (primeiro parágrafo da matéria jornalística que responde a perguntas começadas por quem, o que, onde, quando por que, como).

Nilson Lage (2005) define a notícia como “um fato ou uma seqüência de fatos” e a reportagem como um relato que exige mais intensidade, profundidade e autonomia do repórter no processo da construção da notícia. O autor destaca que a pauta deve reunir informações completas e que o imediatismo é menos importante.

O trabalho de reportagem não é apenas o de seguir um roteiro de apuração e apresentar um texto correto. Como qualquer projeto de pesquisa, envolve imaginação, insight: a partir dos dados e indicações contidos na pauta, a



busca do ângulo que permita revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das coisas que poderiam passar despercebidos. (LAGE, p. 35, 2003)

A comparação entre os conceitos de notícia e reportagem é muito usada pelos pesquisadores de jornalismo para definir reportagem. Ricardo Noblat (2003) aponta que a “notícia é o relato mais curto de um fato. Reportagem é um relato mais circunstanciado”. Ana Beatriz Magno (2006) explica bem essa diferença.

Notícia informa, reportagem ajuda a entender. Notícia conta a fábula do presente. Tem duas vozes, um lado e o outro lado, e uma moral. Reportagem conta uma história com personagens. Uma pode ser curta, a outra tem que ser longa. Uma é objetiva, substantiva. A outra é gênero. Notícia é datada. Reportagem pode ser eterna. Notícia persegue a objetividade, a reportagem quer seduzir o sujeito com as curvas da palavra. (MAGNO, p. 4, 2006)

Devido à complexidade de realização desta série de reportagens especiais, o projeto também pode ser classificado como uma grande reportagem. Kotcho (2007) salienta que as grandes reportagens possuem esta denominação não apenas porque são extensas quanto ao número de linhas, mas porque exigem pesquisa intensa para sua realização e a paixão do repórter pelo tema.

A linguagem da série *Nossa Língua Falada* é leve, bem humorada e repleta de comparações. Em uma matéria factual, o uso de metáforas pode ser considerado um nariz de cera (uma maneira pouco objetiva de fornecer a informação mais importante ao público). Já nas reportagens especiais, as metáforas são bem-vindas. Como não há um fato novo, e sim a análise e o relato mais completo de um assunto, a técnica torna a reportagem mais curiosa e interessante. Kovach e Rosenstiel (2003) entendem que a imaginação é uma maneira de “ajudar as pessoas a construir suas próprias mensagens mentais”. Os jornalistas ainda defendem a ideia de que a personalidade e a exaltação dos detalhes atraem o interesse do público para a notícia e são técnicas que fazem o personagem parecer mais humano e real.

A televisão apresenta imagens em movimento e o jornal impresso mostra fotos para a melhor compreensão de um fato. Já no rádio, os ouvintes têm acesso apenas ao som. A princípio, pode parecer que o rádio é um meio de comunicação limitado. Mas a análise mais profunda prova o contrário. Mcleish (1999) enumera as principais



características do rádio. A primeira delas tem uma relação muito profunda com a imaginação descrita por Kovach e Rosenstiel.

Trata-se de um meio cego, mas que pode estimular a imaginação, de modo que logo ao ouvir a voz do locutor o ouvinte visualizar o que ouve, criando na mente a figura do dono da voz. Que imagens são criadas quando a voz transmite um conteúdo emocional? – em uma entrevista com esposas reunidas na boca de um poço após terem a notícia de um acidente numa mina de carvão, a alegria hesitante de parentes que estão opostos do mundo, ligados pelo programa de um DJ. (...) Criada por efeitos sonoros apropriados e apoiada pela música adequada, praticamente qualquer situação pode ser traduzida para o ouvinte. (MCLEISH, p. 15, 1999).

O texto de radiojornalismo deve ser escrito para ser lido. Por isso, alguns critérios precisam ser observados para ajudar o repórter na locução e permitir o entendimento rápido da mensagem pelo público. Entre as características descritas por Barbeiro (2003), destacam-se a ordem direta das frases, a clareza, a concisão e a objetividade do texto. Outro aspecto muito importante descrito no *Manual de Radiojornalismo* é a riqueza dos sons ambientes. Barbeiro comenta o assunto em relação às reportagens feitas ao vivo.

Por uma característica própria do radiojornalismo, as reportagens ao vivo reproduzem sempre o som ambiente. Isso dá o clima do acontecimento. É impossível impedir que o som ambiente passe para a reportagem e isso nem é desejável. Sons de carro no trânsito, chuva, buzinas, execução de uma música, refrão de torcedores e manifestantes também passam o “clima” do acontecimento. (BARBEIRO, p. 56, 2003).

Mas não é apenas ao vivo que a reportagem de rádio pode ser enriquecida com outros sons que não sejam a locução do repórter e a sonora do entrevistado. Welna (2002) aconselha o uso de sons ambiente também em reportagens gravadas.

Os sons no rádio equilibram às fotos que acompanham uma reportagem na mídia impressa. Eles dão uma idéia mais gráfica do tema tratado. Levam o ouvinte ao lugar da notícia de uma maneira que as palavras sozinhas não poderiam fazer. Os sons podem ser do ambiente do lugar, podem evocar o que aconteceu no momento do fato e, também, apresentar as vozes que têm conhecimento dos detalhes da notícia. (WELNA, p. 1, 2002).

No mesmo texto, Welna (2002) defende o uso de apenas sons reais do evento tratado. Obviamente, isso não foi possível durante a montagem da série *Nossa Língua*



Falada. Na primeira reportagem, por exemplo, foram utilizados efeitos sonoros do banco de sons para retratar o ruído do mar no momento da chegada das caravelas. Tendo em vista que a série mescla entretenimento e jornalismo, também foram adicionados sons eletrônicos para dar mais graça a determinadas passagens do texto e das sonoras.

O objetivo do uso de sons do arquivo de efeitos sonoros consistiu no deslocamento do ouvinte para o cenário das reportagens, ou melhor, a idéia foi construir uma realidade em torno do ouvinte, de maneira que, se ele fechasse os olhos, começaria a construir as imagens mentais de que fala Mcleish (1999). Apesar de o texto de David Welna ter servido de base para este trabalho, o produto final possui características totalmente divergentes das orientações do autor, que trata com demasiada rigidez o uso de sons na reportagem.

A foto, por exemplo, é a construção de uma realidade. O fotógrafo escolhe certa parte retangular da imagem para representar o todo, ou seja, faz um recorte da realidade. Isso já é uma interferência no ambiente, mas o resultado final não deixa de ser verdadeiro. O fotógrafo também pode, por exemplo, agregar objetos à imagem para tornar a fotografia mais representativa e construir símbolos por meio dos quais passa a mensagem.

É o momento de lembrarmos que o documento fotográfico é uma representação a partir do real, uma representação onde se tem registrado um aspecto selecionado daquele real, organizado cultural, técnica e esteticamente, portanto ideologicamente. O chamado testemunho fotográfico, embora registre em seu conteúdo uma dada situação do real – o referente – sempre se constitui numa elaboração, no resultado final de um processo criativo, de um modo de ver e compreender especial, de uma visão de mundo particular do fotógrafo; é ele que, na sua mediação, cria/ constrói a representação. (KOSSOY, p. 59, 2002).

O objeto de estudo de Boris Kossoy (2002) é a luz, já o foco deste trabalho é o som. Mas, deixando este fato de lado, a citação acima representa exatamente a intenção deste projeto de conclusão de curso. Da agregação de diversos sons às reportagens especiais, surgiu o processo criativo para construir uma representação da realidade. A pesquisa sobre língua falada revelou a realidade do tema. Mas, para transmitir a mensagem ao público, foi preciso criar uma representação do real com a ajuda de recursos sonoros. Assim, o ouvinte sente-se convidado a compartilhar da visão de mundo da repórter sobre o universo da língua falada. Isso só foi possível com o uso de efeitos sonoros do banco de sons.

Sobre a utilização de músicas nas reportagens, Welna (2002) traz um conselho interessante: elas só devem ser usadas se tiverem relação direta com o tema. As canções



utilizadas neste trabalho foram escolhidas com muito cuidado e todas elas agregam informação ao conteúdo das reportagens.

5.2. Referencial Teórico quanto ao conteúdo – a Linguística

O primeiro livro pesquisado durante a realização deste trabalho foi *Português ou Brasileiro: um convite à pesquisa*, do professor de linguística da Universidade de Brasília, Marcos Bagno. A obra determinou os rumos deste projeto porque o autor segue uma corrente completamente oposta àquela de especialistas como Dad Squarisi e Professor Pasquale Cipro Neto, que impõem a gramática como a bíblia da Língua Portuguesa, não contemplando as variadas formas de falar do país. É preciso que fique claro que o objetivo da série de reportagens não é, de maneira alguma, depreciar as regras gramaticais. Muito pelo contrário. No Jornalismo, por exemplo, o conhecimento da gramática é extremamente necessário para o sucesso profissional. Este trabalho, no entanto, defende o ensino crítico da gramática e a valorização dos regionalismos.

O linguista Marcos Bagno é conhecido na comunidade acadêmica por lutar contra o preconceito linguístico e por exaltar a relevância da língua falada. No livro acima citado, ele mostra como a história fez surgir a idéia de que uma frase só pode estar correta se sua construção estiver prevista na gramática, e como isso gera o preconceito em relação à fala. Infelizmente, não foi possível entrevistá-lo durante a realização das reportagens porque o professor estava de licença da Universidade de Brasília e fora da cidade. Mas, antes de discorrer sobre as obras do autor, é preciso explicar as principais características da língua falada.

Castilho (2006) explica que, na língua falada, a autoria do texto é compartilhada pelo locutor e interlocutor. O autor também lembra que as frases nem sempre são organizadas em sujeito-verbo-objeto. Na dinamicidade da fala, elas podem ser desconstruídas, mudadas no meio da conversa e, muitas vezes, os falantes perdem o raciocínio e nem terminam as frases. Castilho também destaca que não há planejamento prévio da fala. O ato de pensar no que se vai falar e a própria ação da fala ocorrem simultaneamente. As características apontadas por Castilho demonstram a espontaneidade da língua falada, uma das principais inspirações para este trabalho.

Bagno (2004) revela como a fala foi depreciada em relação à escrita. No século III a. C., houve a separação rígida entre as duas partes da língua. Nessa época, os gregos inventaram a gramática para que a pureza máxima da língua fosse preservada. Assim, obras literárias poderiam ser escritas em grego culto e um padrão da língua seria



estabelecido. Com o objetivo de oficializar as regras do idioma, os filólogos gregos fizeram uma seleção aleatória entre as construções lingüísticas utilizadas na língua falada. Portanto, a Gramática Tradicional não representa fielmente a língua, e sim, cria um modelo de idioma perfeito. A principal diferença entre a fala e a escrita, é que a primeira é dinâmica e a segunda, estática. Ou seja, enquanto a língua falada muda constantemente conforme as evoluções da sociedade e adequa-se às mudanças na cultura, a língua escrita perpetua-se no tempo.

Ao se dedicar exclusivamente à língua escrita, a GT (Gramática Tradicional) deixou de fora toda a língua falada. Ora, em termos de quantidade de pessoas, as línguas sempre foram muito mais faladas do que escritas. Até hoje, em pleno século XXI, milhões e milhões de pessoas nascem, crescem, vivem e morrem sem saber ler ou escrever, mas sabendo perfeitamente falar a sua língua materna (e às vezes, até mais de uma língua). Só isso basta para mostrar o caráter essencialmente elitista da Gramática Tradicional, que desprezou todo o uso oral das línguas para se concentrar apenas no uso feito pelas poucas pessoas que sabiam ler e escrever. (BAGNO, p. 16, 2004).

Bagno (2004) relata que no século XX surgiu uma ciência para combater essa visão elitista da língua. A Lingüística é a ciência da linguagem e, segundo o autor, chegou para “atribuir à língua falada a importância que sempre lhe tinha sido negada durante o longo império da Gramática Tradicional”:

Ela é que é a língua viva, em constante ebulição, em constante transformação. A língua falada é um tesouro onde é possível encontrar coisas muito antigas, conservadas ao longo dos séculos, e também muitas inovações, resultantes das transformações inevitáveis por que passa tudo o que é humano – e nada mais humano do que a língua... (BAGNO, p. 16, 2004).

Para o lingüista, não existe erro na língua, e sim formas diferentes daquelas impressas nas gramáticas tradicionais. Bagno (2004) ensina que “Quando se trata de língua, só se pode qualificar de erro aquilo que comprometa a comunicação entre os interlocutores”, ou seja, quando a mensagem não é compreendida de maneira alguma. É a partir do conceito deturpado de erro que nasce o Preconceito Lingüístico.

Bagno (2007) entende que “o preconceito lingüístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa”. O preconceito é criado a partir de regras estabelecidas na gramática, que, segundo o autor, não correspondem ao uso real da língua. Tudo o que não descreve a gramática é alvo de preconceito.

Ora, a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de



variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país – que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas de muito preconceito -, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. (BAGNO, p. 16, 2007).

As noções sobre preconceito lingüístico e as informações sobre a riqueza da língua falada também embasaram este projeto. Mesmo as reportagens que não tratam especificamente sobre o tema foram pensadas para apresentar a língua como um patrimônio democrático, contemplando várias formas de fala, e para exaltar a diversidade e o dinamismo da língua falada.

6. Metodologia

O primeiro passo para a realização deste projeto foi a busca na lingüística os temas que poderiam ser abordados, além dos sotaques e expressões regionais. Durante todo o segundo semestre de 2007, pesquisei sobre o assunto. Descobri que, além dos sotaques, vários outros temas também envolviam a língua falada. Após uma difícil seleção, minha orientadora e eu chegamos a oito pautas, redigidas em dezembro de 2007.

Apenas lingüistas e uma lexicóloga (especialista em palavras) foram os especialistas procurados durante este trabalho (à exceção do professor de pedagogia e da monitora do Museu da Língua Portuguesa, que não são do Departamento de Letras). Nenhum gramático foi entrevistado e a razão é simples. Conforme explicado no referencial teórico, a reportagem dá margem à interpretação e à opinião. A intenção deste trabalho não era mostrar a linha de pensamento divergente entre gramáticos e lingüistas, e sim, exaltar a beleza da nossa língua falada. Isso seria impossível com a adição do depoimento de gramáticos porque eles defendem as regras gramaticais em todas as manifestações da língua, inclusive na fala. Já os lingüistas e sociolingüistas estudam o uso real do idioma e valorizam a diversidade lingüística no contexto social do falante. O objetivo desta série não é isenção, é sim de defesa da língua falada.

A partir de janeiro de 2008, dei início ao trabalho prático. À exceção de duas entrevistas feitas por telefone, todos os relatos foram registrados pessoalmente com a utilização de gravador digital. Decidi que primeiramente entrevistaria os especialistas, para depois partir em busca de brasileiros que retratassem as reportagens. Dessa forma, estaria ainda mais informada e preparada para extrair o essencial do relato dos personagens.



Nilson Lage (2003) distingue as classificações de entrevista conforme o objetivo e as condições de realização. De acordo com o objetivo, enumera quatro tipos: a entrevista ritual (breve e com o propósito de obter uma palavra que ganha importância apenas se pronunciada, ex: jogadores de futebol, ao fim da partida); a entrevista temática (quando o entrevistado é grande conhecedor de um tema específico e exprime interpretação sobre determinado acontecimento); a entrevista testemunhal (relato sobre algo que o entrevistado presenciou); e a entrevista em profundidade (quando o foco da entrevista não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas próprio o entrevistado, em torno do qual constrói-se uma novela ou ensaio, com depoimentos e impressões pessoais).

De acordo com as condições de realização, Nilson Lage (2003) aponta outros quatro tipos de entrevista: a ocasional (não é combinada previamente e o entrevistado dará provavelmente depoimentos mais sinceros e cautelosos do que daria se houvesse aviso prévio); a entrevista confronto (quando o repórter assume o papel de inquisidor, confrontando o entrevistado com acusações que lhes são feitas); a entrevista coletiva (o entrevistado é submetido a perguntas de vários repórteres); e a entrevista dialogal (marcado com antecedência, o debate tem a função de aprofundar e detalhar o assunto da entrevista).

Quanto ao objetivo, as entrevistas feitas com especialistas ajustam-se ao conceito de entrevista temática e, em relação às condições de realização, se adequam no tipo dialogal. Cada encontro foi agendado previamente e teve a duração aproximada de quarenta minutos. Para cada reportagem, um especialista principal foi escolhido. Entretanto, todos responderam a perguntas básicas sobre quase todos os assuntos abordados em língua falada. Por esta razão, a maioria das reportagens apresenta relatos de mais de um especialista. No total, consultei oito especialistas: quatro sociolinguistas da Universidade de Brasília, um linguista da Universidade Estadual de Campinas, um filósofo e professor de pedagogia da UnB, um músico e professor de Comunicação da UnB e uma monitora do Museu da Língua Portuguesa em São Paulo. Apenas o professor da Unicamp respondeu às minhas perguntas por telefone. O restante das entrevistas foi realizado no local de trabalho ou na residência do especialista.

Já com pessoas que tinham ligação direta com o tema, mas que não são especialistas, as entrevistas estão assim classificadas:

- De profundidade, ocasionais e dialogais (Ex: Os falantes de português como segunda língua, escolhidos ao acaso: o índio estava na Fundação Nacional do Índio,



Funai, em Brasília; e a filha de imigrantes japoneses trabalhava no bairro Liberdade, em São Paulo. Ambos refletiram sobre o papel da língua portuguesa em suas vidas).

- De profundidade e dialogais (Ex: A atendente de telemarketing, com quem havia agendado previamente um encontro, também fez reflexões profundas sobre a linguagem usada na sua profissão).

Os demais entrevistados não possuem relação pessoal ou profissional direta com o assunto de cada reportagem, mas como falantes da língua portuguesa, foram capazes de emitir opinião sobre os temas. As entrevistas foram de profundidade, dialogais e ocasionais. (Ex: Povo Fala no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo).

Com os especialistas, as entrevistas foram realizadas de janeiro a abril de 2008. Já os personagens começaram a ser entrevistados a partir de 20 de março, quando viajei para São Paulo, a única cidade visitada objetivando especificamente a elaboração desta série de reportagens especiais. Na capital paulista, tinha por objetivo conhecer o Museu da Língua Portuguesa, que me proporcionaria conhecimento e depoimentos valiosos. O fato de minha viagem ter sido programada para um feriado e de ser o museu uma atração turística localizada na maior cidade do país ajudaram-me a encontrar uma grande quantidade de brasileiros de diferentes estados. Dessa forma, consegui captar diferentes sotaques para a segunda reportagem (que foi complementada por entrevistas feitas no aeroporto de Brasília, onde também é grande o movimento de pessoas de outros estados). De volta a Brasília, em 24 de março, passei a agendar as demais entrevistas para abril.

Após cumprir as etapas de pesquisa, de produção e de entrevistas, passei à redação dos roteiros e à busca de músicas e efeitos sonoros pertinentes a cada reportagem. Faltava apenas encontrar alguns recursos sonoros porque a maioria dos sons havia sido captada durante as entrevistas com personagens e nas ruas de Brasília e São Paulo. Em maio, finalizei a montagem das reportagens e a memória do produto.

8. Conclusões

Ao final deste trabalho, depois de meses de leitura, pesquisa e entrevistas com especialistas na área, cheguei às mesmas conclusões as que chegaram os visitantes do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo. O idioma trazido pelos colonizadores, ao entrar em contato com línguas indígenas, africanas e européias, transformou-se em uma língua completamente original: o português brasileiro. Depois de mais de quinhentos



anos de evolução independente de Portugal, a língua falada no Brasil tornou-se um dos principais fatores de integração nacional, além de símbolo da identidade brasileira.

Os falantes que participaram desta série de reportagens especiais fizeram reflexões ainda mais profundas, com as quais concordo plenamente diante do resultado deste trabalho. “A língua portuguesa é a alma do brasileiro”, disse uma das personagens. Realmente, o idioma criou raízes próprias no Brasil e, assim como as artes e as tradições, tornou-se a essência da cultura brasileira. Por meio da língua o falante expressa seus sonhos, seus anseios, suas paixões, sua personalidade. A melodia da fala, o tom da voz, o vocabulário escolhido dão pistas do perfil do brasileiro.

Homem, mulher, idoso, criança, adolescente, rico, pobre, pernambucano, paulista, analfabeto, doutor em economia. O modo de falar de cada um revela as várias identidades do povo brasileiro. Um ditado popular repetido hoje é a lembrança de como os pais desses brasileiros contavam a mesma história. Com todas as suas particularidades, o idioma é uma herança, um legado, uma preciosidade.

Temas como a língua falada são assuntos de eterna atualidade porque podem ser discutidos a qualquer momento. Mesmo consciente de que este trabalho foi um projeto de faculdade, sinto-me gratificada em perceber que as reportagens ganharam uma qualidade superior àquelas transmitidas nas rádios comerciais. Isso porque no contexto das redações (falo como ouvinte e estagiária de uma das mais importantes rádios de Brasília), todas as matérias devam estar prontas com rapidez. Realizam-se reportagens especiais, mas não com a riqueza de conteúdo, detalhes, sons, vozes, músicas que proponho na série *Nossa Língua Falada*.

Reportagens especiais como essas são vistas na televisão, mas é muito raro encontrar algo parecido no rádio. Depois de todo processo de produção desta série, concluo que é possível fazer rádio de uma forma mais rica e interessante, aproveitando temas cotidianos que prendam a atenção do ouvinte. A cultura brasileira é riquíssima. Repórteres dedicados, com iniciativa e apaixonados pelo tema são o incentivo de que necessitam as rádios comerciais para levar os sons do país aos ouvintes brasileiros.

Referências bibliográficas

BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa**. 4ª edição – São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico**. 14ª edição – São Paulo: Loyola, 2002.



- BARBEIRO, Heródoto. **Manual de radiojornalismo**. 1ª edição – São Paulo: Campus, 2003.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A Língua Falada no Ensino do Português**. 1ª edição – São Paulo: Contexto, 2004.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 3ª edição - Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- KOVACH Bill e ROSENSTIEL Tom. **Os elementos do Jornalismo**. 1ª edição - São Paulo: Geração, 2003.
- LAGE, Nilson. **Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 3ª edição - Rio de Janeiro: Record, 2004.
- LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica do Texto Jornalístico**. 2ª tiragem – São Paulo: Elsevier, 2005.
- MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio**. 3ª edição - São Paulo: Sumus, 2001.
- MAGNO, Ana Beatriz. **A morte da reportagem e a agonia do repórter**. Brasília: 2006.
- NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 3ª edição - São Paulo: Contexto, 2003.
- PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2ª edição – São Paulo: Contexto, 2008.
- PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de Radiojornalismo da Jovem Pan**. 1ª edição – São Paulo: Ática, 1993.
- SOBRINHO, Barbosa Lima. **A Língua Portuguesa e a Unidade do Brasil**. 2ª edição. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- WELNA, David. **El sonido hecho reportaje**. Relatoría elaborada por Waldir Ochoa. Fundación para un Nuevo Periodismo Iberoamericano. Cartagena de Indias, Colombia, 2002.
- WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa**. 1ª edição - São Paulo: Martins Fortes, 2003.